

Língua em Extinção

J. Roberto Whitaker Penteadado

As palavras curam a mente. - Ésquilo

No musical *My Fair Lady*, Henry Higgins lamenta o mau uso da língua inglesa e comenta: em certos lugares, o idioma desapareceu; na América, faz anos que já não o falam...

Creio que isso vai acontecer com o português tal qual se fala e escreve no Brasil. Fica, a cada dia, pior. E não se tratam, apenas, de pessoas iletradas, como o nosso presidente; mas de profissionais de comunicação, como jornalistas e professores. Vejamos alguns exemplos.

Sob influência do inglês, o verbo pronominal suicidar-se deixou de ser usado. Jornalistas só escrevem e falam cometer suicídio por conta dos releases das agências noticiosas. Mesmo que se queira manter o suicídio como substantivo, mais correto seria praticá-lo em vez de cometê-lo. Da mesma forma, usa-se erradamente efetivo como tradução de effective, quando o correto é eficaz. E ninguém mais diz que alguma coisa tem sentido. É só faz sentido - o que, em português, além de errado é absurdo.

O verbo haver, muito útil e muito usado pelos nossos irmãos portugueses, aqui está quase extinto, com a possível exceção da monstruosa, mas corriqueira, expressão tudo haver... Nas falas e nos anúncios não há mais verbo haver: é só tem, tem, tem. Tem gente, tem dias, aqui tem, lá tem - parece sineta. Eu costumava publicar - na minha seção de crítica na revista *Propaganda* - os anúncios com tem no lugar de há, mas desisti - pois os corretos, não os há - ou "tem" - mais.

Deve ser uma dificuldade neurônica nossa lidar com os verbos impessoais. Assim, raríssimos os brasileiros capazes de dizer: faz anos de alguma coisa, como se diz faz tempo. É só fazem anos. E, inversamente, diz-se e escreve-se faz-se mudanças, pela antiga e tradicional incapacidade de entender o que pode significar, no grande mistério da Gramática, uma partícula apassivadora. Aluga-se quartos; faz-se doces para festinhas... Certa vez fotografei, em Lisboa, uma loja onde havia uma placa escrita fazem-se chaves, para mostrar aos amigos, no Brasil. E tem (!!), ainda, o há anos atrás: redundância consagrada pela ignorância. E quem é que ainda não ouviu: haverão novas oportunidades?

Se os nossos políticos são incapazes de distinguir entre o bem e o mal, já nossos comunicadores ficam perplexos diante das nuances, que lhes são propostas pelo destino, para o uso de mal e mau e bem e bom. É difícil de acreditar, mas o *Jornal do Brasil*, em sua edição de 25/11/05 saiu com o título do editorial: Mal Sinal. E o *Estadão*, pouco tempo depois, saía com a legenda de uma foto de Fernanda Montenegro, na primeira página: Nada mal, para quem pouco vê tevê.

Deixei de escrever a palavra truísmo, nos meus artigos, pois corrigiam para turismo. Em relação à crase, o sistema que prevalece é o da sorte: às vezes pôr, às vezes não pôr e vê-se-pegá. Nenhuma preocupação com o fato de que à é feminino de ao. Quando escrever com sc ou com xc? Com c ou com s? Mistérios...

Como no velho chavão: seria cômico se não fosse trágico, pois quem mal fala e mal escreve, também pensa mal.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Língua em Extinção. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=210&ID=316>>. Acesso em: 18 ago. 2009.